

As possibilidades educacionais da maconha (1º Simpósio Carioca de Estudos sobre a Maconha, 1983)

Mauro Sá Rego Costa ¹

Falar de maconha é um tema proibido pela lei de tóxicos de 1976. Qualquer deslize pode ser tomado como indução ao uso. Dá cadeia. A proibição de falar sobre o assunto já é uma coisa muito séria. Porque proibir que se fale é um caminho, um meio de levar à loucura. Foi o que aconteceu a muita gente da minha geração. A proibição não era só em relação à maconha, é claro. Mas falar sobre o que é proibido também é um negócio que dá um grande barato. Eu queria fazer um exercício de variações imaginárias. Vamos imaginar as drogas, e a maconha entre elas, como instrumentos de uma tecnologia educacional. Quem é professor sabe que o computador e o VT hoje em dia são um grande barato quando utilizados na educação, um negócio que parece modificar a cabeça das pessoas. Imaginemos um tratado pedagógico sobre o uso da maconha como tecnologia educacional. Afinal, ela leva a um tipo de aprendizagem da qual muita gente é capaz de falar, mas sobre a qual nada há ainda escrito. Ela é uma forma de aprendizagem, um modo de chegar a um determinado tipo de mundo, absolutamente diferente desse que está aí, um mundo que muitas vezes dá medo. Para entender essa coisa de usar as drogas alucinógenas como instrumento educacional, a gente pode compará-las a outras técnicas de alteração da consciência. Existem mil formas de alterar ou fazer emergir

¹ Professor da FEBF/UERJ. Pesquisador / Procientista UERJ/FAPERJ. Coordena os grupos de pesquisa Radioforum e Kaxinawá Pesquisas Sonoras – UERJ/CNPq. Autor de *Rádio, Arte e Política*, EdUERJ/FAPERJ, no prelo. É um dos editores de PERIFERIA

determinadas funções cerebrais, funções que a gente não usa normalmente. Os índios de uma tribo que o Anthony Seeger estudou [os Suyá, do Xingú] cantam uma canção - Akia - que eles aprendem com o feiticeiro (o esquizofrênico profissional da tribo). Eles começam a cantar suas cançõeszinhas e cantam catorze horas seguidas, de noite até de manhã. (...) E sabe o que acontece com eles? Eles viram ratos. É a festa do rato. A mesma coisa acontece usando auasca. Muitas tribos da Amazônia usam a huasca em rituais. Esses índios sobre os quais eu comecei a falar viram ratos só cantando e dançando catorze horas seguidas. Isso provoca mudanças metabólicas, você muda mesmo. Basta experimentar: é só ficar cantando e dançando catorze horas seguidas para ver o que acontece. Mas tomar ahuasca é parecido e aí eles não se transformam numa coisa só, como na festa do rato, transformam-se em muitos bichos ao mesmo tempo: a parte de baixo é uma onça, o peito é de tatu, a cabeça é de urubu real. São formas de consciência, de uma outra consciência. Esses rituais todos são maneiras de aprender, uma forma de estar no mundo que para nós já dançou faz tempo. William Blake, que é o mestre mais recente do mestre da gente, Allan Ginsberg, escreveu em 1815 um poema sobre o fog, sobre a camada de fumaça que cobria Londres. Mas do que Blake mais falava era sobre a morte, ou o amortecimento em que consiste a redução de toda a consciência do homem ao uso dos cinco sentidos. Ficar só com os cinco sentidos é conservar a postura racionalista e empirista da ciência. Postura que constrói o mundo a partir do século XVII em termos físicos, concretos e inteligíveis. Esta idéia só fez ganhar força durante o século XIX, mas a partir desse século, também, a partir do momento em que se está produzindo esse tipo de razão, começa-se a tomar droga dessa nova maneira que nós conhecemos hoje. Coleridge e Wordsworth, os dois principais poetas

românticos ingleses, na sua correspondência pessoal falam de todas as drogas: o Coleridge fumando *bang* - nome hindu da maconha - e comentando o tipo de barato que dava. É um negócio curioso: à medida que a Europa se estende pelo mundo afora com sua razão organizadora e administrativa acontece, por exemplo, dos franceses chegarem ao Norte da África e o haxixe, ao mesmo tempo, chegar à França. Surge assim o clube do haxixe, onde se reúnem Baudelaire, Balzac, etc., cabeças fantásticas, os melhores e os piores da época, para fumar haxixe, comer bolo de haxixe na reunião semanal do clube. Ao mesmo tempo que a razão ocidental avança, a droga aparece como um caminho. Para usar a droga como tecnologia educacional o pior obstáculo que existe é o Eu. O Eu foi inventado em mil quinhentos e tantos e se consolida como o "eu penso, logo existo" do Descartes. Quem conhece a história da filosofia do Ocidente sabe da importância deste processo. No mesmo movimento do Cogito se explicita e se inaugura essa razão totalitária que hoje contrapomos à loucura. O sujeito burguês afirma: quem pensa existe, quem não pensa não existe. O Eu é fundado sobre este pensamento que se pretende contínuo e universal. Mas esse Eu nunca existiu nas culturas orientais. Você pega o Rama Krishna, por exemplo. Ele, aos dezoito anos de idade, é um buscador de Deus e sabe que não vai chegar até Deus como homem, porque Deus não se dá para o homem. Então ele se torna mulher, uma cortesã fantástica, sedutora, que se casa com um marajá e vai viver num castelo. De repente ele saca que mulher também não chega a Deus e se transforma num macaco. Vai viver como macaco, comendo banana, nas árvores, em busca de Deus. Mas aí descobre que como macaco ele também não vai chegar lá, e continua... Esta possibilidade de você virar mulher, macaco, etc., esta transformação é uma possibilidade presente em qualquer organização cultural "primitiva". Todo ritual de iniciação é um ritual onde se dá a morte e a ressurreição. A criança de onze, doze anos passa por um

ritual de morte da infância e entrada no mundo adulto, entrada no mundo dos guerreiros. Você pode se transformar, você não é um sujeito contínuo, não é uma unidade desde que nasce até o momento em que morre. Você é muitas pessoas, dependendo da sua faixa etária. Para a experiência da droga ser uma experiência educativa é preciso romper com essa concepção da organização do Eu. Perceber-se índio, perceber-se macaco, mulher, pedra... E isso também é romper com determinada compreensão do tempo. As drogas alucinógenas, como as outras técnicas de alteração da consciência, meditações, danças mágicas, levam a esses outros modos de organização do tempo e do espaço. É assustador, se você não foi informado a respeito. Um grande problema com as drogas alucinógenas, e mesmo com a maconha, ainda é esse: não se encaram as drogas como canais para experiências, como espaços onde se pode viver as infinitas possibilidades da percepção. Talvez o uso de drogas alucinógenas a partir dos anos sessenta possa ser encarado da mesma forma com que se tratou o impacto sobre a consciência humana do Ocidente que tiveram as grandes navegações do século XVI. É preciso realmente aprender a navegar, é preciso estudar uma certa cartografia para chegar a esses mundos novos e não naufragar no caminho. Compreender-se-á, talvez, o uso das drogas alucinógenas com um impacto semelhante, no nível interno, ao do uso da energia atômica, no campo material; como com o átomo na energia atômica, o uso das drogas ou das outras técnicas de que falei pode permitir elaborar, considerar, aproveitar a desintegração do Eu para o seu próprio crescimento e não para produzir lixo atômico. Permitir um convívio com essas experiências de desintegração e reintegração do Mundo, do Eu, com mais agilidade, mais sabedoria... Isso são variações imaginárias, como eu disse no início, e é bom sublinhar que falo de experiências com drogas

alucinógenas, não me refiro a outras drogas, aos opiáceos, aos estimulantes ou calmantes químicos, para os quais não imagino as mesmas possibilidades.